

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura

Área Temática: Agro-bioenergia / Biodiesel

Período de Análise: 01/11/2015 a 30/11/2015

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL	4
ETANOL	4
Odebrecht Agroindustrial suspende pagamento de empréstimos. David Friedlander e Renata Agostini – Folha de São Paulo, Mercado. 05/11/2015	4
Gasolina e etanol subiram mais na Grande SP do que em outras regiões. Bruno Villas Bôas – Folha de São Paulo, Mercado. 06/11/2015	5
Após um ano e meio, álcool zera vantagem sobre gasolina em SP. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 07/11/2015	6
"Semente de cana" chega para inovar e fará verdadeira revolução produtiva na safra 2018/2019 – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 11/11/2015	7
Venda de etanol explode e leva açúcar às alturas. Fabiana Batista e Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 11/11/2015	8
Setor do álcool fecha 300 mil postos de trabalho desde 2008. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 14/11/2015	9
Proálcool faz 40 anos em meio a uma das mais graves crises da história. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 14/11/2015	10
Petrobras estuda vender divisão de biocombustíveis. Nicola Pamplona e Lucas Vettorazzo – Folha de São Paulo, Mercado. 15/11/2015	11
Ainda em alta, etanol continua a perder competitividade. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/11/2015	13
Justiça aceita pedido de recuperação judicial da Unialco. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 18/11/2015	14
Alta de preços do etanol e açúcar eleva ações das usinas na bolsa. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 19/11/2015	14
Venda de etanol pelas usinas volta a crescer no Centro-Sul. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 24/11/2015	14
Produtores agora querem receber por energia gerada da palha da cana. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 26/11/2015	15
Economia fraca afeta consumo de combustíveis. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/11/2015	17
São Paulo lança frente parlamentar de apoio às usinas de cana – Valor Econômico, Agronegócios. 27/11/2015	18
Biosev prevê elevar preço de açúcar. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 30/11/2015	18
POLÍTICA NACIONAL.....	19

ETANOL 19
Em Alagoas, Dilma anuncia medidas para afagar setor sucroalcooleiro. Patrícia Britto – Folha de São Paulo, Poder. 05/11/2015 19
Apenas um alívio. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 28/11/2015 21

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

ETANOL

Odebrecht Agroindustrial suspende pagamento de empréstimos. David Friedlander e Renata Agostini – Folha de São Paulo, Mercado. 05/11/2015

A Odebrecht Agroindustrial, segunda maior produtora de açúcar e álcool do país, conseguiu uma trégua de 60 dias nos pagamentos a um grupo de bancos aos quais deve R\$ 9 bilhões.

A companhia disse aos credores que precisava do prazo para apresentar uma proposta de alongamento do débito e concluir investimentos necessários para sua operação.

A empresa, que teve prejuízo de R\$ 1,1 bilhão de abril de 2014 a março deste ano, precisa acertar sua situação financeira com BNDES, Banco do Brasil, Bradesco, Itaú e Santander.

Executivos de três dessas instituições disseram à Folha que concordaram com o adiamento e entendem que a renegociação é necessária para manter a operação de pé.

A Odebrecht, que vem sendo assessorada pelo banco Rothschild e pela assessoria financeira Virtus BR Partners, não quis dar detalhes. Mas, por meio de sua assessoria de imprensa, confirmou que as conversas estão em curso e que o alongamento da dívida será "complementado" por uma nova injeção de recursos na companhia.

No ano passado, a Odebrecht Agroindustrial recebeu R\$ 820 milhões de seus controladores e também renegociou parte das dívidas. A empresa afirma que ainda não definiu quanto irá aplicar neste ano, mas diz que o montante será superior ao realizado em 2014.

A produtora de etanol ainda precisa completar seu plano de negócios e este ano planeja investir pelo menos R\$ 600 milhões.

As dificuldades financeiras da companhia não estão ligadas à Operação Lava Jato, que investiga a suposta participação de outras empresas do grupo Odebrecht num esquema de corrupção na Petrobras.

Assim como aconteceu com todo setor de etanol, o projeto da Odebrecht foi alvejado, no período em que ainda tentava se firmar, por uma combinação de endividamento pesado para crescer rápido antes dos concorrentes no setor e a competição desleal com o preço da gasolina.

Além de o preço do combustível ter ficado artificialmente baixo durante anos para segurar a inflação, o governo deixou de cobrar a Cide, tributo que incide sobre a gasolina e o diesel. Com isso, o etanol ficou pouco atrativo para os consumidores.

PLANO FRSUTRADO

A Odebrecht Agroindustrial foi criada em 2007 e até aqui consumiu mais de R\$ 10 bilhões na construção e compra de usinas de etanol pelo país. Hoje, tem nove unidades em quatro Estados.

A ideia era assumir a liderança de um mercado que parecia promissor, tinha apoio do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e atraiu interesse de grandes grupos do Brasil e do exterior.

Quando isso acontecesse, a empresa abriria o capital na Bolsa e recuperaria rapidamente o dinheiro investido no empreendimento.

Até agora deu tudo errado, mas os preços do mercado de etanol começaram a subir e a renegociação da dívida da empresa com os bancos é uma aposta na tentativa de colocar ordem na casa.

Gasolina e etanol subiram mais na Grande SP do que em outras regiões. Bruno Villas Bôas – Folha de São Paulo, Mercado. 06/11/2015

A região metropolitana de São Paulo foi a que apresentou a maior alta no preço da gasolina e do etanol em outubro entre 12 regiões pesquisadas, informou o IBGE nesta sexta-feira (6).

A gasolina ficou 6,21% mais cara em São Paulo no mês passado, acima do avanço médio do preço do produto, que foi de 3,83%, segundo os dados do IBGE.

Curitiba teve o segundo maior aumento de preços, com alta de 6,12%. Logo atrás vem Belo Horizonte (5,93%). Já as menores variações foram em Recife (1,70%) e Vitória (1,72%).

O aumento dos preços nas bombas foi reflexo do reajuste de 6% promovido pela Petrobras nas refinarias, em vigor desde 30 de setembro deste ano.

Apesar de sofrer o maior aumento, São Paulo tem o segundo menor preço do litro da gasolina pesquisado pelo IBGE, de R\$ 3,27. O preço é menor apenas em Campo Grande (3,26%).

"Algumas redes de postos podiam estar dando descontos que foram retirados após o reajuste, explicando o aumento. São Paulo também tem preço por litro abaixo de outras cidades", disse Eulina Nunes, coordenadora de índice de preços do IBGE.

No caso do etanol, os consumidores da região metropolitana de São Paulo perceberam um aumento de 14,99% no preço do produto, acima da média de 12,29% nas demais regiões.

"Com aumento da gasolina, tem uma tendência de mais pessoas procurarem etanol, o que gera uma pressão de demanda", disse Eulina Nunes, coordenadora dos índices de preços do IBGE.

O IBGE acompanha os preços da etanol na bomba, o chamado álcool hidratado. O álcool anidro, que é misturado à gasolina, não tem preço acompanhado pelo instituto.

O etanol também subiu forte em Curitiba (12,14%), Porto Alegre (11,87%) e Campo Grande (11,31%) em outubro. A alta também foi menor em Recife (2,85%).

REGIÕES

Em cinco regiões acompanhadas pelo IBGE a inflação está acima da marca de 10% no acumulado dos últimos 12 meses: Curitiba (11,52%), Goiânia (11,19%), Porto Alegre (10,49%), São Paulo (10,45%) e Fortaleza (10,02%).

Curitiba lidera porque houve reajuste no ICMS no Estado do Paraná, o que deixou mais caro para os consumidores uma relação de mais de 9.000 produtos, segundo IBGE.

No Rio de Janeiro, a inflação apenas acompanha a média nacional, com taxa de 9,90%.

Após um ano e meio, álcool zera vantagem sobre gasolina em SP. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 07/11/2015

O álcool zerou a vantagem que tem em relação à gasolina na cidade de São Paulo. Pela primeira vez, desde maio de 2014, o preço do etanol chega a 70% em relação ao da gasolina.

Pesquisas indicam que, quando o percentual do preço do etanol está acima de 70% em relação ao da gasolina, é mais vantajosa a utilização desse último. Esse percentual depende, no entanto, do modelo do veículo.

A perda de vantagem do álcool chega mais cedo nesta safra do que nos anos anteriores. Até setembro, essa paridade estava em apenas 62%.

A aceleração dos preços pode se acentuar ainda mais a partir da próxima semana, devido à greve dos petroleiros, que já provoca redução da produção de petróleo.

Além disso, a anunciada greve dos caminhoneiros será mais um fator de pressão, devido às dificuldades de escoamento do produto.

Após muitos meses com preços defasados, o etanol começa a pressionar a inflação, tendência que deverá continuar com novos reajustes do combustível.

Neste ano não deveria ocorrer uma alta de preços do etanol tão cedo. O volume de cana a ser moído será de 600 milhões de toneladas, com as torneiras das usinas voltadas para a produção de etanol. Desse volume, 59% serão para a produção de álcool.

O ano, no entanto, foi marcado por uma série de fatores favoráveis ao consumo.

TRIBUTAÇÃO

No início de 2015, o governo mudou a tributação da gasolina, abrindo espaço para uma pequena recuperação dos preços do etanol.

No final de setembro, a alta de 6% para a gasolina ampliou ainda mais a competitividade do derivado de cana.

O grande impulso ao consumo veio de mudanças tributárias dos combustíveis em vários Estados.

Minas Gerais elevou a tributação da gasolina e diminuiu a do etanol. O resultado foi uma explosão no consumo no Estado, que até então tinha pouca atração para o etanol. Paraná e Goiás seguiram na mesma linha, elevando os custos da gasolina.

O resultado foi que o consumo médio saiu de 1 bilhão de litros por mês para 1,5 bilhão. Em alguns meses, a demanda pelo etanol bateu no 1,6 bilhão de litros, quase o dobro do volume de alguns meses de 2014.

A aceleração da demanda e problemas na produção, devido a chuvas, foram o estopim para a alta de preços.

A demanda ocorreu, ainda, devido aos preços favoráveis do produto na porta das usinas. Até setembro, o litro do álcool pago ao produtor era de R\$ 1,20 por litro.

A perda de paridade do etanol, em relação à gasolina, não deve afugentar o consumidor do derivado de cana, de acordo com Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

PREÇOS

Atualmente, o preço do litro da gasolina supera em R\$ 1 o do etanol nas bombas. Essa diferença, em reais, vai pesar na hora de abastecer.

O valor médio da gasolina esteve em R\$ 3,396 na cidade de São Paulo nesta semana. Já o do etanol subiu para R\$ 2,367, em média.

Os dados são da Folha, que pesquisa preços em 50 postos da cidade de São Paulo. O maior valor registrado pela pesquisa foi de R\$ 3,799 para a gasolina e de R\$ 2,499 para o etanol.

"Semente de cana" chega para inovar e fará verdadeira revolução produtiva na safra 2018/2019 – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 11/11/2015

Brasília (11/11/2015) - A partir da safra 2018/2019, os plantadores de cana-de-açúcar do país poderão ter à disposição uma importante inovação tecnológica, a utilização da “semente de cana” (célula de cana clonada), cuja pesquisa está em desenvolvimento nos laboratórios do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), localizado em Piracicaba (SP), devendo provocar uma verdadeira revolução nos índices de produtividade do setor. A informação foi dada pelo presidente do CTC, José Gustavo Teixeira Leite, durante encontro com o presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), João Martins, na sede da entidade, em Brasília.

Teixeira Leite disse ao presidente da CNA que o melhoramento genético da cana, cujas pesquisas estão sendo feitas pelo CTC, com investimentos no valor de R\$ 4 bilhões, permitirá o surgimento de novas variedades mais produtivas da cana, com maior teor de sacarose, tolerância à seca e resistência às pragas. A primeira variedade transgênica deverá ser colocada no mercado em 2017, antecedendo à “semente de cana” prevista estar à disposição dos produtores dois anos mais tarde.

Superar atraso tecnológico - Para o presidente do CTC, em termos de biotecnologia, a cana-de-açúcar está 17 anos atrasada em comparação com os exemplos de sucesso obtidos com as sementes transgênicas desenvolvidas no país para as culturas de milho e soja. A partir da utilização da “semente de cana”, vai ser possível melhorar muito “a produtividade do setor, porque a forma de plantio do produto tem quase as mesmas

características de 400 anos atrás, em relação ao desenvolvimento tecnológico”, disse o executivo do CTC.

Dentre as metas do CTC, detalhadas ao presidente da CNA, está dobrar a produtividade da cana por hectare, nos próximos dez anos.

Lei de Cultivares - José Gustavo Teixeira Leite reivindicou o apoio do presidente da CNA em relação a várias demandas do CTC, relativas às mudanças na Lei de Proteção de Cultivares, em debate no Congresso Nacional. A Lei de Cultivares foi sancionada em abril de 1997 e tem o objetivo de fortalecer e padronizar os direitos de propriedade intelectual.

De acordo com a legislação em vigor, cultivar é a variedade de qualquer gênero ou espécie vegetal, que seja claramente distinguível de outras conhecidas por uma margem mínima de características descritas, pela denominação própria, homogeneidade, capacidade de se manter estável em gerações sucessivas, além de ser passível de utilização.

Venda de etanol explode e leva açúcar às alturas. Fabiana Batista e Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 11/11/2015

Numa demonstração de força que surpreendeu o mercado, a demanda por etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, explodiu em outubro, apesar do aumento dos preços ao consumidor final nos postos. Com isso, as cotações futuras do açúcar reagiram e subiram expressivos 5%. Conforme dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), as usinas do Centro-Sul venderam às distribuidoras no mercado interno 1,7 bilhão de litros de hidratado no mês que passou, 37% acima do registrado em outubro de 2014 e 121 milhões de litros maior que as vendas realizadas em setembro deste ano.

A robustez do etanol levou os contratos do açúcar em Nova York com vencimento em março do ano que vem a 14,71 centavos de dólar por libra-peso, alta de 5% (72 pontos). O hidratado em alta incentiva as usinas brasileiras a destinarem mais caldo da cana para fabricar o biocombustível. Com isso, enxuga-se a oferta de açúcar no país, que é o maior exportador global da commodity, com metade de todo o volume transacionado no mundo.

A surpresa com a demanda forte por etanol em outubro se deu porque se esperava um arrefecimento do consumo, dados os reajustes de preços em curso há dois meses nos postos de combustíveis, sobretudo de São Paulo, Estado que é o maior mercado de combustíveis do país. Na usina paulista, o preço do hidratado subiu 43% desde setembro, conforme referência do indicador Cepea/Esalq. No mesmo intervalo, o preço médio do hidratado nos postos de combustíveis do Estado de São Paulo subiu 24%, do patamar de R\$ 1,933 por litro para R\$ 2,403 o litro, de acordo com dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP) divulgados na segunda-feira.

Como a gasolina subiu menos no período - 9,5%, de R\$ 3,01 para R\$ 3,397 o litro -, o etanol perdeu a vantagem econômica que passa a existir quando seu preço equivale a

menos de 70% do preço do concorrente. Em setembro, essa paridade estava em 62%. Na semana encerrada no dia 7 deste mês, essa relação foi a 70,7%.

"O aumento [do etanol] registrado na bomba até agora não está sendo suficiente para frear o consumo. Como a gasolina também subiu, talvez o consumidor esteja sob o efeito dessa diferença de cerca de R\$ 1 por litro entre o preço de um e de outro combustível. Talvez a lógica vigente seja a de que é melhor abastecer com o que cabe no bolso, ou seja, com o mais barato", avaliou o diretor da trading de etanol Bioagência, Tarcilo Rodrigues.

A redução do consumo de hidratado é vista pelo mercado como uma necessidade para equilibrar a oferta do produto com a demanda. Na previsão da Unica, nesta temporada que será encerrada em 31 de março do ano que vem, a 2015/16, a produção desse biocombustível deve alcançar 16,3 bilhões de litros no Centro-Sul, um aumento de 6% frente ao ciclo anterior. Desde abril até 1º de novembro, o volume fabricado foi de 14,7 bilhões de litros e, nesse mesmo intervalo, as usinas da região venderam 11,5 bilhões de litros (mercado interno e exportação).

Em setembro, quando a demanda mensal por hidratado já estava acima de 1,5 bilhão de litros, especialistas já calculavam a necessidade de o consumo ser reduzido para 1,2 bilhão de litros mensais para a oferta ser suficiente para atender ao mercado até o fim da safra, em 31 de março do ano que vem.

Mas o que ocorreu foi que o consumo subiu em vez de cair, na esteira da resistência do consumidor com o preço da gasolina, em níveis superiores a R\$ 3,30 por litro na bomba. "Talvez, a paridade do etanol com o concorrente fóssil, hoje em 70,6%, tenha que ir a níveis de 78% para frear o ímpeto da demanda", avaliou o especialista da FG Agro, Willian Hernandez.

Setor do álcool fecha 300 mil postos de trabalho desde 2008. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 14/11/2015

O endividamento após a crise de 2008, impulsionado pela política de controle do preço da gasolina, gerou a paralisação ou o fechamento de cerca de 60 usinas de açúcar e etanol, algumas delas em São Paulo, principal Estado produtor e maior consumidor de etanol no país.

Sem capital e com dívidas em dólar, o setor ficou ainda mais sufocado com o controle artificial do preço da gasolina, que deixou o etanol sem competitividade, e com excesso de açúcar no mercado global, que derrubou os preços da commodity.

Desde então, 300 mil vagas de emprego foram fechadas na cadeia do setor.

"A crise de 2008 fez o setor estagnar, tanto por falta de uma política para o etanol quanto pelo ciclo de excedente de açúcar muito forte", disse Antonio de Padua Rodrigues, diretor técnico da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

Além das unidades paralisadas, a crise afetou também outras 50 usinas, que estão em recuperação judicial, de acordo com estimativa de entidades do setor.

Entre as unidades paralisadas, estão cinco na região de Ribeirão Preto, mais tradicional polo do setor, com 40 usinas. Isso contribuiu, também, para o desaparecimento dos boias-frias de lavouras em cidades como Guariba.

"Apesar de todas as crises pelas quais o setor passou, agora é o pior momento. Além de atingir todo o país, a crise atual para a cana é de empregos. O setor desempregou muito nos últimos anos com a mecanização e o fechamento de usinas", afirmou Wilson Rodrigues da Silva, 49, presidente do Sindicato dos Empregados Rurais de Guariba desde 1992.

LEVANTE DE 1984

A cidade é considerada um ícone do setor, por ter abrigado em 1984 um levante que foi essencial para o início das melhorias nas condições trabalhistas nas lavouras.

Sem condições adequadas de transporte, água ou marmita térmica e equipamentos de proteção individual, os trabalhadores rurais se rebelaram quando as usinas queriam aumentar o total de cana-de-açúcar colhida por empregado diariamente –a média, então, era de seis toneladas diárias. O levante terminou com um morto e 30 feridos, sendo 14 a bala.

À época, eram mais de 10 mil boias-frias na cidade. Hoje, no entanto, restam somente 750 filiados ao sindicato. A população local é de 38 mil habitantes.

O cenário para os próximos anos é incerto, na avaliação de Silva, devido à situação econômica do país e às dívidas que as usinas têm.

Para o diretor da Unica, administrar a pressão da mão de obra social impactou no custo de produção das usinas, que agora ganharam um "fôlego" com a redução do ICMS em Minas Gerais e o aumento da Cide (cobrada na gasolina).

Com isso, Minas superou o Paraná e passou a ser o segundo maior mercado de etanol no país, atrás apenas de São Paulo, que, sozinho, consome mais da metade do combustível produzido.

Segundo dados da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), as vendas de etanol hidratado (usado diretamente nos veículos) cresceram 42,4% de janeiro a setembro deste ano em relação ao mesmo período o ano passado.

Proálcool faz 40 anos em meio a uma das mais graves crises da história. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 14/11/2015

Nascido em 1975 como alternativa à crise do petróleo de 1973, o Proálcool chega neste sábado (14) aos 40 anos em um momento de crises de confiança e financeira.

A história do programa é permeada de conflitos e mortes nos canaviais e de avanços para a economia e a tecnologia brasileiras.

O documento que criou o Programa Nacional do Álcool foi assinado por Ernesto Geisel —o penúltimo dos generais presidentes (1974-79)— e publicado em 14 de novembro de 1975.

O objetivo era reduzir a dependência do petróleo e tornar o país autossuficiente no setor.

Hoje em uma das mais graves crises da história, o setor que contribuiu para interiorizar a economia do país —com grandes usinas localizadas em regiões distantes das capitais— deve cerca de R\$ 80 bilhões, principalmente de financiamentos bancários. O montante é mais que o faturamento global das usinas numa única safra, estimado em R\$ 65 bilhões.

Apesar disso, as usinas ganharam "fôlego" recente com as vendas recordes de etanol, graças ao aumento da Cide na gasolina e à redução de impostos estaduais.

Essa ciclotimia econômica existe há quatro décadas. Desde o primeiro veículo a álcool, em 1979, usinas de etanol e açúcar alternam períodos de bonança e retração.

Se hoje o setor apresenta bons números, nem sempre foi assim. A começar pela crise de 1985, quando o crédito às usinas secou, num momento de forte inflação.

"Isso gerou estagnação até 1989. Não crescia mais a oferta de álcool, mas a frota movida a etanol continuava crescendo", disse o diretor-técnico da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), Antonio de Padua Rodrigues.

À época, o combustível abastecia 9 em cada 10 veículos novos. O descontrole nos anos seguintes fez o álcool sumir dos postos e criou a primeira crise de confiança do consumidor nos usineiros.

NA MARCHA A RÉ

"Depois disso, o setor andou de ré", disse Celso Torquato Junqueira Franco, presidente da Udop (União dos Produtores de Bioenergia) e filho de Cícero Junqueira Franco, usineiro da região de Ribeirão Preto e um dos signatários do Proálcool.

As vendas de veículos movidos a etanol quase zeraram nos anos 90, até a "salvação" de 2003, com o lançamento do primeiro carro flex —movido a gasolina ou a etanol.

Em seu primeiro ano, como reflexo ainda da desconfiança do consumidor e também do preço, que era mais alto, foram vendidos 48.178 veículos bicombustíveis, nada se comparado ao 1,43 milhão de três anos depois ou aos 3,1 milhões de 2013.

Esse novo boom teve três efeitos: aumentou o número de usinas (55 novas só entre 2007 e 2009); os usineiros foram chamados por Lula de "heróis nacionais e mundiais"; nos postos de combustível, o nome do produto passou de álcool para etanol.

Em meio à euforia, existiam ainda conflitos com boias-frias e denúncias de maus-tratos nos canaviais. De 2004 a 2008, houve ao menos 22 mortes com suspeitas de excesso de esforço no campo.

Petrobras estuda vender divisão de biocombustíveis. Nicola Pamplona e Lucas Vettorazzo – Folha de São Paulo, Mercado. 15/11/2015

Apenas quatro meses depois de começar a produção em uma fábrica de biodiesel em Guamaré (RN), a Petrobras decidiu em outubro encerrar a atividade no local.

A decisão, "tomada após uma avaliação detalhada do desempenho da unidade", segundo a estatal, é parte da estratégia para estancar as perdas com a PBio (Petrobras Biocombustíveis), subsidiária que, desde a sua fundação, em 2008, acumula prejuízos de R\$ 1,5 bilhão.

A área de biocombustíveis ainda não está no plano de desinvestimentos da Petrobras, mas a direção da empresa já cogita oferecer os ativos no mercado, de acordo com que apurou a Folha.

O mau desempenho, segundo especialistas, é resultado da influência política sobre a estratégia da estatal, que gerou concorrência desleal da gasolina subsidiada com o etanol, e também da má gestão da produção de biodiesel.

A PBio tem atualmente participação em cinco usinas de biodiesel e nove de etanol.

A produção em Guamaré será encerrada definitivamente assim que a usina entregar a produção vendida no último leilão da ANP (Agência Nacional do Petróleo). Depois, a unidade voltará a ser um centro de pesquisas.

A usina que durou só quatro meses é um exemplo dos erros estratégicos que provocaram o rombo na área de biocombustíveis da Petrobras, dizem analistas do setor ouvidos pela Folha.

Para Luiz Augusto Horta, ex-diretor da ANP e especialista do tema, o problema é que os investimentos da PBio foram pensados sob a lógica do desenvolvimento agrário. O primeiro presidente da Petrobras Biocombustíveis foi o ex-ministro da pasta, Miguel Rossetto.

"A Petrobras queria fazer biodiesel de mamona, fomentando pequenos produtores, e focou sua atuação inicial no Nordeste", diz Horta. "Isso não vingou e agora a empresa tem que buscar soja no Centro-Oeste e produzir em suas plantas no Nordeste.

PREÇOS REPRESADOS

No setor de etanol, a política da Petrobras de represamento artificial do preço da gasolina no mercado interno prejudicou durante anos as empresas do segmento. O etanol só é vantajoso quando seu preço na bomba é equivalente a 70% do da gasolina.

O setor teve seu boom de 2003 a 2008, quando houve a duplicação da capacidade produtiva no país.

A partir de 2010, produtores amargaram prejuízos diante dos baixos preços da gasolina. Muitos optaram por produzir açúcar em detrimento do álcool.

A Petrobras, por sua vez, passou a ter uma dupla perda. A estatal importou gasolina por preço mais alto que o vendido no mercado interno e ofereceu etanol a preços pouco competitivos.

Em nota, a Petrobras não quis comentar as razões do prejuízo. Disse apenas que vem tomando medidas para aumentar a eficiência e os investimentos realizados pela PBio "serão recuperados ao longo do desenvolvimento e maturação dos negócios".

Ainda em alta, etanol continua a perder competitividade. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/11/2015

Os motoristas da maior parte dos Estados brasileiros continuam a pagar mais caro na hora de abastecer seus veículos com etanol hidratado, que é usado diretamente nos tanques. Entre 8 e 14 de novembro, os preços médios do biocombustível subiram em 22 Estados do país em relação à semana anterior. Com isso, encher o tanque com etanol em vez de gasolina, que há um mês era mais vantajoso em seis Estados, manteve essa competitividade em apenas dois.

O etanol é considerado mais competitivo quando seu preço equivale a menos de 70% do preço da gasolina. Em São Paulo, maior centro consumidor de combustíveis do país, essa relação foi a 72% na última semana - o litro nos postos de combustíveis foi vendido, em média, por R\$ 2,489 o litro, alta de 3,57%.

Conforme levantamento da Agência Nacional de Petróleo (ANP), as maiores valorizações do etanol hidratado entre 8 e 14 de novembro foram observadas em Mato Grosso (11,4%), Bahia (9,5%), Santa Catarina (5,5%), Paraná (5,4%) e Minas Gerais (4,75%). A vantagem de se abastecer com o biocombustível só se manteve em dois Estados: Mato Grosso (64,3%) e Goiás (69,7%).

As fortes elevações dos preços do etanol nos postos refletem a valorização do produto na usina em São Paulo. Essa alta vem ocorrendo desde o mês de setembro, mas foi a partir de outubro, com a entrada em vigor do reajuste da gasolina nas refinarias feito pela Petrobras, que a valorização se acentuou. Também pesou nessa equação a aquecida demanda pelo produto no mercado interno.

Desde o início de setembro até a última sexta-feira, o preço do hidratado nas usinas paulistas subiu 46,5%, conforme referência do indicador Cepea/Esalq. Ao consumidor final, nos postos de São Paulo, a valorização nesse mesmo intervalo foi de 31,5%, de acordo com dados da ANP.

Ontem, segunda-feira, os preços do hidratado na usina abriram com estabilidade e algum viés de queda em algumas praças do Estado de São Paulo, afirmou o diretor da trading de etanol Bioagência, Tarcilo Rodrigues. Ele acredita que o movimento decorre de uma tomada de posição mais passiva por parte das distribuidoras, que saíram temporariamente do mercado em busca de novos sinais para voltar a elevar seus estoques.

Até outubro, os preços mais elevados do etanol ao consumidor final ainda não se refletiram na demanda, que voltou a subir no último mês. Conforme dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), as usinas do Centro-Sul venderam às distribuidoras no mercado interno 1,7 bilhão de litros de hidratado em outubro, 37% acima do registrado em igual mês de 2014.

De janeiro a setembro deste ano, o consumo de gasolina C no Brasil caiu 6,6% frente a igual período de 2014, para 30,466 bilhões de litros, conforme a ANP. Na mesma comparação, as vendas de hidratado subiram 42,2%, para 13,140 bilhões de litros.

Justiça aceita pedido de recuperação judicial da Unialco. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 18/11/2015

SÃO PAULO - O titular da Vara Cível de Guararapes (SP), juiz Mateus Moreira Siketo, aceitou o pedido de recuperação judicial da sucroalcooleira Unialco, feito na última sexta-feira. Com duas unidades processadoras de cana-de-açúcar — uma em São Paulo e outra em Mato Grosso do Sul, a empresa, uma das mais tradicionais do Centro-Sul, tem dívidas superiores a R\$ 700 milhões.

A empresa, administrada pelo empresário Luiz Zancaner, há alguns anos vinha com dificuldades financeiras e tentava negociar com credores uma saída para seu elevado endividamento. A última tratativa da Unialco, que tem assessoria jurídica do escritório Dias Carneiro Advogados, foi a de destinar 100% dos recursos oriundos da venda das suas duas usinas para quitar o endividamento. Mas, o acordo não vingou. Juntas, as duas unidades do grupo somam capacidade para moer 4 milhões de toneladas de cana-de-açúcar.

Em seu balanço referente ao exercício findo em 31 de março deste ano, a Unialco informava uma dívida bancária de R\$ 641 milhões. Entre os principais bancos credores estão Santander, ItaúBBA, Bradesco, HSBC, Natixis e HSH Nordbank. No balanço, a empresa informava ainda um débito com fornecedores superior a R\$ 100 milhões.

Na decisão que aceitou o pedido de recuperação judicial, o titular da Vara de Guararapes nomeou a R4C Assessoria Empresarial como a administradora da recuperação judicial.

Alta de preços do etanol e açúcar eleva ações das usinas na bolsa. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 19/11/2015

A alta recente nos preços do etanol e do açúcar está dando novo fôlego às ações das companhias sucroalcooleiras na bolsa. Em menos de dois meses, os papéis dessas empresas subiram mais de 20%, enquanto o Ibovespa avançou apenas 7%. As ações da Cosan registraram aumento de 34,74% no período.

Os investidores miram o ganho que elas terão no último trimestre. Espera-se que a venda dos dois produtos eleve a receita dessas empresas em 40% na comparação com o trimestre anterior.

Desde que foi anunciado o aumento da gasolina pela Petrobras, de 6%, em 29 de setembro, houve uma alta de 34% no biocombustível nas usinas.

Venda de etanol pelas usinas volta a crescer no Centro-Sul. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 24/11/2015

SÃO PAULO - As usinas de cana-de-açúcar no Centro-Sul do país seguiram produzindo e vendendo mais etanol na primeira quinzena de novembro, conforme dados divulgados hoje pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). A produção do biocombustível cresceu 7,96%, a 1,192 bilhão de litros na primeira metade do mês. No

caso das vendas, o destaque foi para o hidratado, cuja comercialização cresceu 17% na primeira quinzena de novembro, frente a igual intervalo do ciclo passado.

Ao todo, foram vendidos 713 milhões de litros de hidratado nos 15 dias de novembro, surpreendendo novamente o mercado, que esperava um crescimento menor, diante dos preços elevados do hidratado nos postos de combustíveis.

No acumulado da safra 2015/16, entre abril e 15 de novembro, a produção total de etanol aumentou 2,14%, para 24,9 bilhões de litros — 15,4 bilhões de hidratado e 9,451 bilhões de anidro.

Já as vendas de etanol pelas usinas do Centro-Sul no acumulado do ciclo cresceram 24,53%, para 18,99 bilhões de litros — 17,63 bilhões destinados ao abastecimento doméstico e 1,36 bilhão de litros ao mercado internacional.

Na primeira quinzena de novembro, as usinas do Centro-Sul processaram 25,6 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, um aumento de 10,7% frente a igual intervalo de ciclo passado. A ocorrência de chuvas no período atrapalhou o avanço da moagem, mesmo com mais usinas em operação no período, na comparação com igual intervalo do ano passado.

Conforme o diretor-técnico da Unica, Antonio de Padua Rodrigues, neste ano apenas 26 unidades produtoras haviam encerrado a moagem até o dia 16 de novembro, contra 78 unidades até a mesma data de 2014.

No acumulado da safra 2015/16 até 16 de novembro, as usinas do Centro-Sul processaram 544,53 milhões de toneladas de cana, ante 538,46 milhões de toneladas registradas em igual período do ciclo anterior — alta de 1,13%. Na primeira quinzena de novembro, foram processadas 25,6 milhões de toneladas, um aumento de 10,71%.

Já a produção de açúcar desde o início da safra somou 28,7 milhões de toneladas, 6,40% abaixo das 30,680 milhões de toneladas fabricadas em igual intervalo de 2014/15. Na primeira quinzena de novembro, foram fabricadas 1,199 milhão de toneladas, leve alta de 0,44%.

Produtores agora querem receber por energia gerada da palha da cana. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 26/11/2015

Em meio a uma tímida retomada do setor sucroenergético, produtores canavieiros rurais agora querem receber das usinas uma remuneração pela geração de energia elétrica obtida por meio da queima do bagaço da cana-de-açúcar.

O tema já era discutido internamente por produtores nos últimos anos, mas a crise do setor impedia o avanço das conversas. Agora, no entanto, será levado a público num seminário nesta quinta-feira (26) em Sertãozinho —cidade do interior paulista que tem economia totalmente voltada à indústria canavieira.

O objetivo é discutir a viabilidade de incluir essa remuneração no pagamento aos produtores e, também, saber quanto vale o bagaço de cana.

Embora tenha vivida um momento melhor –graças ao aumento da Cide cobrada na gasolina, que deixou o etanol mais competitivo–, o setor ainda tem dificuldades em vista. Tem dívida acumulada de R\$ 80 bilhões, mais que uma safra global inteira (estimada em R\$ 65 bilhões) e viu 60 usinas paralisarem as atividades e 300 mil empregos serem perdidos desde 2008.

Houve ainda outras mudanças tributárias que favoreceram o etanol. Em Minas, por exemplo, o governo reduziu o ICMS do álcool, o que fez o setor ganhar novo fôlego neste ano. Graças a isso, fala-se inclusive de uma possível retomada dos investimentos na área.

O setor comemorou, na semana passada, os 40 anos do Proálcool.

Para Manoel Ortolan, presidente da Canaoeste (associação dos plantadores de cana do Oeste de SP) e da Orplana (organização dos plantadores do centro-sul), os produtores decidiram lutar pela remuneração da biomassa por entenderem que "já há um grande número de unidades de cogeração e outras que não cogeram, mas vendem o bagaço para outras empresas".

"Queremos entender melhor as questões relativas à biomassa e o evento [seminário] é um começo para isso. Daí a cogitar de valores vai um longo caminho a ser percorrido", afirmou.

A ideia é que a energia entre nos cálculos do Consecana (Conselho dos Produtores de Cana de São Paulo). No conselho, os preços pagos pela cana levam em conta custos dos produtores e das indústrias e o resultado final das vendas de açúcar e etanol nos mercados interno e externo. Após análise desse conjunto de fatores, é definido o valor a ser pago pela tonelada de cana –hoje em R\$ 53.

De acordo com Ortolan, os produtores querem saber se as usinas têm condições de pagar algum valor neste momento, em que ainda enfrentam crise. "Precisamos de estudos que nos digam da possibilidade. Nesse sentido, vamos procurar entender e avaliar a questão não só do bagaço como da palha da cana", disse.

Hoje, cerca de 170 usinas geram energia elétrica a partir do bagaço da cana no país. A primeira foi a São Francisco, na própria Sertãozinho, em maio de 1987.

UNICA: 'POSSIBILIDADE'

Para Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), o assunto não está sendo tratado na entidade, mas "provavelmente" vai existir um mercado de palha de cana que será remunerado de alguma forma para a produção de energia ou etanol de segunda geração.

"Tem que ser discutido dentro do Consecana, não externamente. Não sei do que vão falar. A palha, sem dúvida alguma, vai ser um mercado. Temos de ver o que [produtores] querem, o que preferem, e discutir dentro do Consecana, não isoladamente", disse ele, que considera a discussão "muito inicial".

Já para Celso Torquato Junqueira Franco, presidente da Udop (União dos Produtores de Bioenergia), a demanda dos produtores é antiga e justa, pois a energia elétrica era um produto inexistente no passado na cadeia produtiva.

"Nosso potencial de geração de energia do bagaço da palha da cana atual é equivalente a 18% da energia no país. É muito próximo ao volume que as termelétricas geraram nos últimos dois anos de forma ininterrupta, mas a um custo ambiental e econômico altíssimo", disse.

Economia fraca afeta consumo de combustíveis. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/11/2015

Apesar de uma frota de carros 6% maior no país na comparação com o ano passado, o consumo de combustíveis do chamado ciclo otto, basicamente compreendido por etanol hidratado e gasolina C, começa a mostrar um recuo mais consistente na comparação com o desempenho de 2014. A combinação entre a desaceleração da economia e preços de combustíveis até 30% mais elevados no ano deve fazer com que esse mercado, até então com taxas de crescimento robustas, tenha avanço mais tímido ou até retração.

A expectativa é que a queda das vendas a partir de agora seja puxada pelo etanol, cujos preços subiram neste ano 30% ao consumidor final ante 19% da gasolina. Os dados se referem aos preços médios dos dois produtos nos postos do Estado de São Paulo apurados pela Agência Nacional de Petróleo (ANP).

O consumo de hidratado, que em outubro ficou no patamar de 1,7 bilhão de litros, tende a recuar em novembro e dezembro para níveis de 1,3 bilhão a 1,4 bilhão de litros, conforme estimativas de traders. As projeções são de que esse volume mensal vai cair no primeiro trimestre do próximo ano a 1,1 bilhão de litros, patamar adequado para fazer frente à oferta prevista, segundo especialistas.

Até agora, a queda na comercialização dos combustíveis do ciclo otto está sendo provocada pela gasolina, cujas vendas acumulam retração de 7% no país até outubro. Em agosto, as vendas combinadas de gasolina e etanol hidratado equivalente (considerando que o etanol tem 70% do rendimento da gasolina) foram 1,2% menores do que em igual mês de 2014, conforme dados da ANP. Em setembro, esse recuo se aprofundou para 2% e, em outubro, caiu 3,1%.

Conforme traders, a expectativa é de que, em relação a outubro, as vendas de etanol no mês de novembro sejam 10% menores. O declínio do etanol deve empurrar o ciclo otto para uma queda mensal de 3,5%, afirmam especialistas.

No acumulado deste ano até outubro, o saldo ainda é de crescimento de 1% nas vendas (em termos equivalentes) dos dois combustíveis no país. Até dezembro, esse percentual deve permanecer em 1%, na projeção do Sindicom. Se for confirmado, esse aumento, apesar de ainda positivo, está muito aquém dos patamares de 6% dos anos anteriores.

Os desaquecimento do mercado de combustíveis começou em fevereiro deste ano, após um aumento dos preços da gasolina e do retorno de cobrança da Cide sobre o derivado fóssil. Antes disso, em janeiro, um motorista do Estado de São Paulo gastava, em média, R\$ 174,18 para encher o tanque de seu veículo (considerando uma capacidade de tancagem de 60 litros) - dados os preços médios da gasolina apurados pela ANP. Na última semana, esse gasto já havia superado os R\$ 200, alcançando R\$ 207,48.

Por isso, nos últimos meses, os consumidores iniciaram uma forte migração da gasolina para o etanol hidratado, seu concorrente direto no mercado de carros flex. Conforme dados da ANP, de janeiro a outubro, as vendas do biocombustível acumulam alta de 42,5%, sendo que, somente em outubro, o volume atingiu o maior nível do ano (1,7 bilhão de litros), 44,60% de alta na comparação com o mesmo período de 2014.

"O que vem acontecendo é que a relação favorável do etanol sobre a gasolina vinha se reduzindo e, agora em novembro, deixou de existir nos principais Estados consumidores", disse o diretor do sindicato que representa as distribuidoras do país (Sindicom), César Guimarães.

O fato é que abastecer com etanol também está mais caro. Desde janeiro, o motorista do Estado de São Paulo está pagando 30% mais para encher o tanque com o produto - em janeiro eram R\$ 114 e, na última semana, estava em R\$ 149,43, conforme dados da ANP.

É difícil no atual cenário econômico e político projetar o que vai acontecer com o consumo, avalia o diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), Adriano Pires. "Já estamos com inflação de dois dígitos, com aumento forte de despesas básicas, como energia elétrica. Pode ser que o brasileiro passe a deixar o carro mais em casa, pois ele tem alternativa. O transporte público é ruim, mas existe", analisou.

Já para as usinas produtoras de etanol, Pires vê um cenário positivo, ainda que as vendas não cresçam. "O preço da gasolina vai ter que subir de novo por causa do rombo da Petrobras e a margem do etanol vai continuar aumentando", avalia o diretor do CBIE.

São Paulo lança frente parlamentar de apoio às usinas de cana – Valor Econômico, Agronegócios. 27/11/2015

SÃO PAULO - A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) informou que a Assembleia Legislativa de São Paulo lançou ontem, dia 26, a Frente Parlamentar em Defesa do Setor Sucroenergético.

A frente, que reúne 23 deputados estaduais, entre membros e apoiadores, “pretende mobilizar esforços para que a força produtiva do Estado não corra riscos ainda maiores de se estagnar ou mesmo de se retrair por conta de falta de políticas estratégicas”, conforme a Unica.

Atualmente, 67 usinas estão em recuperação judicial no Brasil, sendo 22 no Estado de São Paulo. Além disso, 80 unidades fecharam nos últimos sete anos em todo País, sendo 35 em São Paulo.

Biosev prevê elevar preço de açúcar. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 30/11/2015

A Biosev, segunda maior produtora de açúcar e etanol do país, prevê elevar o preço médio de venda de açúcar da safra atual (2015/16) na medida em que os embarques ao exterior forem sendo realizados. "Esperamos ter uma evolução importante no preço. Há volumes a embarcar que estão expostos ao Consecana [conselho que define os preços

pagos pela cana] e que devem elevar o preço médio atual", disse Rui Chammas, presidente da companhia

Nos primeiros seis meses da atual safra (abril a setembro), a Biosev vendeu 1,107 milhão de toneladas de açúcar ao preço médio de R\$ 1,003 mil por tonelada, 4,47% abaixo da média do mesmo período da temporada passada.

Já para o açúcar vendido no mercado futuro, via instrumentos de hedge, a companhia, controlada pela francesa Louis Dreyfus Commodities, informava que, em 30 de setembro, detinha contratos de venda de 1,595 milhão de toneladas de açúcar, ao preço médio de 41,54 centavos de real por libra-peso - considerando o hedge de açúcar na bolsa de Nova York e contratos de hedge cambial.

Esse preço médio está abaixo do registrado por outras companhias do segmento. A São Martinho, por exemplo, em 30 de setembro apresentava hedge médio de 49,17 centavos de real por libra-peso. No caso da Raízen, o valor foi de 44,2 centavos de real por libra-peso. As informações constam dos balanços publicados por essas empresas.

A Biosev não informa em seu guidance sua projeção para a produção de açúcar em 2015/16. Mas, no ciclo passado, a companhia produziu 1,623 milhão de toneladas.

A investidores em São Paulo, o presidente da Biosev disse na sexta-feira que o açúcar entrou em um ciclo de alta no mercado internacional, após cinco safras de baixa, e que o retorno que o segmento no Brasil terá com essa fase positiva será prioritariamente direcionado para reduzir endividamento.

Em 30 de setembro, a dívida líquida da Biosev era de R\$ 6,4 bilhões, o equivalente a 4,2 vezes seu Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização). O diretor financeiro e de relações com investidores da companhia, Paulo Prignolato, disse que a meta é reduzir esse nível para 2,5 vezes no prazo de 18 a 24 meses.

"Apesar de a alavancagem ter ido este ano a 4,2 vezes, o que ocorreu devido à forte valorização do dólar, até o fim da safra, em 31 de março, esse índice deve cair para níveis abaixo de 3,5 vezes, que é o teto dos nossos 'covenants'", afirmou Prignolato. O executivo lembra que, em 31 de março deste ano, o índice de alavancagem da empresa foi de 3,2 vezes.

POLÍTICA NACIONAL

ETANOL

Em Alagoas, Dilma anuncia medidas para afagar setor sucroalcooleiro. Patrícia Britto – Folha de São Paulo, Poder. 05/11/2015

A presidente Dilma Rousseff anunciou nesta quinta-feira (5), em Maceió, medidas para contemplar o setor sucroalcooleiro, que tem sido afetado pela seca no Nordeste e vinha demonstrando insatisfação com as políticas de compensação do governo federal.

Em reunião a portas fechadas com 72 representantes das indústrias, do agronegócio e da construção civil, Dilma anunciou um seguro exportação destinado a bancos privados que financiem investimentos de empresas sucroalcooleiras.

Segundo o ministro Armando Monteiro (Desenvolvimento), que participou do encontro, o crédito aos produtores poderá chegar a US\$ 500 milhões em até seis anos –cerca de 60% destinados a empresas de Alagoas, Estado responsável por mais da metade da produção da cana-de-açúcar no Nordeste.

"O governo entra com o seguro de crédito, as instituições financeiras privadas financiam as empresas, e as empresas podem, dessa forma, financiar todo o ciclo da operação até a realização e liquidação das cotas", disse Monteiro à imprensa após o encontro.

O objetivo, segundo o ministro, é garantir o cumprimento das cotas de exportação de açúcar para os Estados Unidos, que remuneram os produtores do Nordeste com preços acima dos valores de mercado.

Além disso, Dilma também anunciou a instalação de uma unidade da Embrapa em Alagoas. O Estado é o único que ainda não conta com a empresa, que irá prestar assistência técnica ao desenvolvimento das atividades agropecuárias.

SEM RESPOSTA

A presidente deixou sem resposta, contudo, uma das principais reivindicações do setor canavieiro.

Os produtores se queixam de que o governo ainda não iniciou o pagamento de subvenções a canavieiros afetados pela seca, conforme autorizado em lei sancionada pela presidente em junho de 2014, que deveria beneficiar 30 mil agricultores do Nordeste e do Rio de Janeiro.

A cobrança foi endossada nesta quinta pelos presidentes da Faeal (Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Alagoas), Álvaro Almeida, e da FIEA (Federação das Indústrias do Estado de Alagoas), José Carlos Lyra.

Segundo o ministro Armando Monteiro, Dilma "reconhece que há esse compromisso com o setor, mas a crise fiscal impossibilita uma solução a curto prazo".

A lei 12.999 prevê o pagamento de R\$ 12 por tonelada de cana produzida, até o limite de 10 mil toneladas por produtor. Segundo sindicatos, as subvenções beneficiariam principalmente os pequenos canavieiros, que representam 92% do setor.

Alagoas é o principal produtor de cana-de-açúcar do Nordeste e, assim como os demais Estados da região, enfrenta a pior seca dos últimos 84 anos. O setor estima deficit de 15% em relação à safra passada, devido à estiagem.

SECA

No encontro, Dilma também se comprometeu a dar continuidade a obras federais de enfrentamento à seca, como o Canal do Sertão Alagoano, e a concluir a terceira etapa do programa de habitação popular Minha Casa, Minha Vida.

A presidente fez ainda uma análise do quadro fiscal brasileiro, pediu colaboração e otimismo dos empresários e defendeu a recriação da CPMF, imposto sobre movimentações financeiras que desagrada o empresariado.

Também participaram da reunião os ministros Armando Monteiro Neto (Desenvolvimento), Kátia Abreu (Agricultura) e Gilberto Occhi (Integração Nacional), o governador Renan Filho (PMDB) e parlamentares.

Dilma saiu do encontro sem falar com jornalistas. Mais cedo, em inauguração de um trecho do Canal do Sertão Alagoano, em Inhapi (AL), a presidente se comprometeu em dar continuidade às obras de combate à seca, apesar do momento de crise econômica.

"Quando uma família passa por dificuldade, o que acontece? Uma parte aperta um pouco o cinto. Outra parte olha aquilo que é importante pra família, que tem que ser mantido. No Brasil, nós estamos passando por uma dificuldade, agora tem uma coisa que é importantíssima ser mantida. São todas as obras ligadas à questão da seca", afirmou.

Apenas um alívio. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 28/11/2015

Usinas têm ano favorável com alta de preço e do consumo de etanol, mas incertezas regulatórias travam retomada de investimentos

O consumo de etanol hidratado está em patamares recorde e atingiu 1,75 bilhão de litros em outubro, 45% mais do que há um ano.

Os preços subiram 46% na porta das usinas desde o início de setembro, enquanto o reajuste nas bombas da cidade de São Paulo foi de 31% no mesmo período.

"É um pequeno alívio, mas não resolve os problemas do setor", diz Plínio Nastari, da Datagro, empresa especializada no setor.

O vigor da demanda e a assimilação dos preços pelos consumidores não animam, ainda, novos investimentos, segundo ele.

Etanol e açúcar estão em alta, mas as principais regras do setor ainda não foram definidas.

As incertezas regulatórias trazem insegurança para os investimentos, segundo Nastari. O setor tem de conhecer claramente a política fiscal do governo, que envolve Cide (o tributo sobre combustíveis) e a fórmula de reajuste da gasolina.

De qualquer forma, 2015 acabou sendo surpreendente para o setor. Aumento na mistura do etanol anidro à gasolina, alteração na Cide e mudanças no ICMS em vários Estados tornaram o etanol mais competitivo, empurrando o consumo para cima.

Nastari acredita que a tendência de alta nos preços do etanol ainda não se esgotou, apesar da crise econômica vivida pelo país.

O álcool ganhou a preferência de parte dos consumidores porque "pesa menos no bolso" na hora de encher o tanque.

EXPORTAÇÕES

Além disso, há um aquecimento nas exportações, principalmente devido às compras da China e da Índia.

Os chineses já compraram 301 milhões de litros de janeiro a setembro e devem terminar o ano com importações de 400 milhões de litros.

Para 2016, as estimativas indicam 700 milhões de litros. As compras dos chineses ocorrem porque eles querem substituir parte da gasolina pelo etanol, a fim de reduzir a poluição no país, segundo Nastari.

As exportações brasileiras de etanol, que estavam em 4,6 milhões de litros por dia útil em novembro do ano passado, atingem 8,5 milhões neste mês.

O país ganha em volume, mas perde em preço, que está 27% inferior ao de há um ano, de acordo com dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

Apesar da queda em dólares, as receitas dos exportadores são maiores em reais, devido à desvalorização da moeda brasileira.

Essa valorização do dólar dá também mais competitividade ao produto brasileiro.

FINAL AGITADO

Tanto etanol como açúcar recuperam preço e, por isso, o final da safra 2015/16 será agitado. Há muita cana ainda, e a moagem pode se estender para depois do Natal.

O volume de cana a ser moído é de 22 milhões a 24 milhões de toneladas. As chuvas fizeram o setor deixar de colher em 33,5 dias nesta safra, acima dos 25,7 do ano passado.

As usinas estão direcionando 58,8% da cana moída para a produção de etanol nesta safra que se encerra.

Na safra 2016/17, esse cenário não muda muito, com 57,5% da cana sendo direcionada para a produção do combustível. A cana ficará com 42,5%.

AÇÚCAR

O desempenho do açúcar poderá também dar um alívio ao setor. Na safra 2015/16 -que teve início em 1º de outubro de 2015 e vai até 30 de setembro de 2016-, o deficit entre produção e demanda será de 2,6 milhões de toneladas de açúcar.

Apesar desse deficit, os preços não devem reagir muito graças à elevada relação estoque-consumo, que está em 48,5%.

Um patamar razoável nessa relação seria 41%. Abaixo desse patamar, o setor tem recuperação de preços, segundo Nastari.

O preço médio do litro do etanol hidratado na semana terminada em 20 deste mês esteve em R\$ 1,7317 nas usinas, de acordo com levantamento do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada).

Já nas bombas dos postos da cidade de São Paulo, estava em R\$ 2,512 no mesmo período, conforme pesquisa da Folha.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Sílvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto

Secretária

Diva de Faria



Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa